



Homenagem a Paulo Freire aprendi lendo Caju¹

Para a Pró-reitora de Extensão Claudia Mayorga, pelo estímulo e o afeto, de quem acredita na força expressiva da arte popular no processo educacional. E aos meus colegas de luta do Teatro Universitário, em parceria com o Programa Polos de Extensão Pesquisa e Ensino da Fac. de Direito da UFMG, que, como o Mestre Paulo Freire, lutam para dar voz a quem não tem.

**Prof. Fernando Limoeiro, ora conhecido como
o cordelista: Vitorino- Sabe-ler.**

Meus amigos camaradas
Prestem muita atenção!
A história que eu vou contar
Pertence a toda nação
É a história de um cego
Que serve bem de lição:

O meu nome é Vitorino
Que herdei do meu avô
Junto com a fama dura
De ser bom atirador
Melhor ainda na enxada
Seja na chuva, ou calor

Nasci em Xorropotó
Agreste do meu sertão
No meu sítio só tem água
Quando o rio dá vazão
Ou quando a chuva premia
Com as gotas da emoção

A miséria é muito ruim
E tem em qualquer lugar
Mas a pobreza sem água
Acredite: É de lascar!
Ver a criação morrer
Sem ter como ajudar

Mas também há outra sede
Que faz a gente tremer
Vem misturada com a fome
Da cultura e do saber
Que eu só vim descobrir
Depois que aprendi a ler

Depois de muito vexame
Que cego não percebia
Depois de engolir mentiras
Que meu patrão me emitia
De ser passado pra trás
Seja de noite ou de dia

¹ Um resumo do cordel ora publicado foi interpretado pelo prof. Fernando Limoeiro na 20ª Jornada de Extensão da UFMG, realizada em 16 de junho de 2021. O vídeo da apresentação encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BSW1YZSDmvk>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Um auxílio do governo Nós passamos a receber Mas tinha cheiro de esmola Para quem não sabe ler Principalmente meu avô Que precisava escrever	Um dia eu estava no banco Pra receber com acanhamento Quando a mocinha do caixa Percebeu meu sofrimento - Moço, não há razão Pra esse envergonhamento
E morria de vergonha Pra assinar o documento Dizia que era uma mistura De lavrador com jumento Pra quem não ler e não escreve Receber é um sofrimento	- Todo trabalhador Merece grande respeito Se o senhor não sabe ler Inda é tempo e tem direito De aprender ler e escrever Tornar-se um livre sujeito!
Eu respeitava meu avô E sentia seu tormento O sujeito que não ler Sente vergonha por dentro É um cego tendo olho Sente muito acanhamento	Fomos para uma palestra De um professor arretado Chamado de Paulo Freire Um mestre muito afamado Cada coisa que dizia Me deixava entusiasmado
Mas o pior era eu Que era um jumento novo Um respeitado vaqueiro Que todo mundo temia Fingindo que era sabido Mas que de nada sabia	Mas quero lhe confessar Fui tremendo e acanhado Mas as palavras que ouvia Me deixava iluminado Como se um novo mundo Tivesse descortinado
Meu avô adoeceu E eu passei a receber Ocupando seu lugar Mesmo sem saber ler Sem nunca contar a ele Que nunca soube escrever	O mestre falava simples E todo mundo entendia Que ler também abre o pensar Era o que ele mais queria Que você lesse a palavra E o que ela pretendia

Todo lavrador bem sabe
Além de plantar, pensar
E desvendando as palavras
Bem melhor raciocinar
E já sabendo escrever
Seus desejos registrar

O senhor pode acreditar
Que eu fiquei arrepiado
E ainda escondi na hora
Os meus olhos marejados
Confesso, desde esse dia
Que eu me senti transformado

Entrei num curso noturno
Que só tinha lavrador
Ganhei livros e cadernos
Parecia um professor
Em poucos dias, acredite
O saber me dominou

Eu perdi toda vergonha
De repetir, perguntar
E a fome foi aumentando
De ler e de "escrevinhar"
Além de aprender também
Diminuir e somar

Como fez o mestre Freire
Pra acabar a ignorância
Somou seu grande saber
Com amor e tolerância
Iluminando a consciência
Na velhice ou na infância

E disse pra minha mestra
E para a classe escutar:
- Escutei a vida inteira
Com medo de duvidar:
- "Que um papagaio velho
Jamais aprende a falar"

Mas o mestre Paulo Freire
Mudou logo meu pensar
- "Que o homem sem leitura
É fácil de dominar
Cai em qualquer armadilha
Que o poderoso aplicar"

A senhora aprendeu bem
Como o mestre a ensinar
A ler palavras da vida
Que a gente sabia usar
Roçado, enxada, partilha
Logo aprendi soletrar

Juntei um "cê" com um "a"
E um "jota" com um "u"
E pude escrever sozinho
A doçura do caju
Que plantei quando menino
Com sol quente e céu azul!

E tudo que eu julgava
Que era difícil de ler
Com as palavras do trabalho
Logo aprendi a escrever
Fui tomando consciência
E querendo mais saber

Eu juro professorinha
Que deve se orgulhar
De cada turma de cego
Que ajudou a enxergar
E ninguém nos fazer de bobo
E nosso destino domar.

Um dia fiz a besteira
De mostrar para o patrão
Que eu já sabia escrever
E ler sem erro a lição
Esperando o elogio
E a sua admiração

Foi na luz do candeeiro
Que Eu treinei sem parar
Escrevia e repetia
As letras do bê a bá
E com elas fui juntando
Para palavras formar

- Seu lugar é no roçado
Cuidando da plantação
Que é disso que depende
O lucro do seu patrão
Leitura não rende nada
E ainda dá confusão

Caju, feijão, macaxeira
Milho verde pra assar
Escrevi pé de umbu
Galinha, guiné, preá
Mangaba doce e sapoti
Umbu e também cajá

- Fica metido a besta
Lendo jornal e revista
E quando menos se espera
Tem ideia de comunista
Tua caneta é a enxada
Que é o orgulho do nortista

A professora aos poucos
Sentia admiração
E me deu outro caderno
Para eu treinar a lição
Logo misturei o juízo
Com as coisas do coração.

- Isso é o que o senhor pensa
Mas aprendi diferente
A escola toda noite
Me faz mais inteligente
Até a lua se orgulha
Em me ver mais consciente

Mas confesso que a mestra
Só demonstrou vaidade
Quando me viu escrevendo
A palavra liberdade
Ela viu que estava certa
Eu escrevi felicidade!

Um dia eu estava no banco
Pra receber com acanhamento
Quando a mocinha do caixa
Percebeu meu sofrimento
- Moço, não há razão
Pra esse envergonhamento

Saí de cabeça erguida
Sou lavrador do saber
Que em breve vai plantar
Outra forma de viver
Ensinando a meus irmãos
O valor de aprender

Eu costumei ter que ir
Ao banco pra receber
Levei uns belos cajus
Pra mocinha agradecer
E ela ficou espantada
Porque eu sabia escrever

Me disse emocionada
Pelos conselhos que deu
E ainda pelo cartão
Que eu escrevi e ela leu
Estava ali novo homem
Como um presente de Deus

"Tem muita gente sedenta
Doidinha pra aprender ler
E junto com as palavras
Pensar bem e debater
Fugir da dominação
Usando bem o saber."

"Todo homem tem direito
De mostrar o seu pensar
E defender o que é seu
Quando ele discordar
Lutar pelos seus direitos
Ler tudo o que assinar"

E no fim do outro mês
Quando vim pra receber
No caminho para o banco
Tudo eu gostava de ler
Lia letreiro de ônibus
Muito lugar pra comer

Já trouxe outro cartão
Que com alegria ela leu:
Quem luta e se alfabetiza
Torna o mundo mais seu
Já não é mais dominado
Descobre o que padeceu

Minha doce professora
Com Paulo Freire aprendeu
E com o saber dos alunos
Misturou e engrandeceu
Quem ensina sempre aprende
Com minha turma ela aprendeu

Trocou mil conhecimentos
Viu nossa realidade
Ensinou com essa mistura
E aprendemos de verdade
A dizer o que sentimos
E lutar pela igualdade

Foi aí que ela me disse
Você já está preparado
Para ouvir essa notícia
Que nos deixa revoltado:
Paulo Freire foi expulso
Por nos ter conscientizado!

E o que é mais perigoso
Por nos ter politizado
Fazer do aluno que ler
É um cabra bem informado
E que depois da leitura
Nunca mais é dominado!

Expulso do seu torrão
Para não ser torturado
Por espalhar o saber
E o pensamento apurado
Como aprender ilumina
Deixa mais capacitado.

De fato eu fiquei zangado
Como é triste a ingratidão!
Um governo que faz isso
Não merece meu perdão
E nem tão pouco o respeito
De um eleitor cidadão.

Comecei a ler os livros
Que ela me ofereceu
Livros de Paulo Freire
Deve ler, quem já não leu
Educação como prática
E mais livros me ofereceu

Do valor da liberdade
Pedagogia do Oprimido
Que eu confesso que foi esse
O que mais mexeu comigo
Ganhei de Cláudia Mayorga
Me senti muito querido

Vendi minha parte no sítio
Que meu pai tinha comprado
E o patrão bancava o dono
Do que se tinha plantado
Fui embora pra cidade:
Só volto quando formado!

Fui ser vigia num banco
Meu dinheiro foi poupadão
De noite fiz um cursinho
De manhã andava armado
E tive a sorte danada
De nunca ser assaltado

Eu varava madrugadas
Mudando de apostila
Dormia em cima dos livros
Usava grande mochila
De manhã ainda estudava
Com a mente bem tranquila

Meu remédio era lembrar
Do mestre a grande lição
Que o pobre que estuda
É guerreiro e cidadão
E por ser trabalhador
Merece até louvação!

Cada ano que passava
Sentia perto a vitória
Como um grande corredor
Conquistando sua glória
E a Taça Paulo Freire
Premiando minha história

Até que chegou a hora
Da bendita formatura
A moça do banco foi
O presente era uma mistura
De caju com meu diploma
Mais o canudo da luta

Sou um bom advogado
Passei em terceiro lugar
Comprei o sítio sonhado
Que pai queria comprar
E o patrão endividado
Nem queria acreditar

E assim meus camaradas
Terminou meu desatino
Acabou minha cegueira
No livro do meu destino
Posso o cordel assinar
Como Dr. VITORINO!

BH, 12 de Junho de 2021.